

Índice

| | |
|--|---|
| Bento XVI recordado pelo seu serviço à verdade e à liberdade | 1 |
| “Prisioneros de la historia” | 3 |
| “El eterno femenino” | 4 |

Bento XVI recordado pelo seu serviço à verdade e à liberdade

Entre os numerosos comentários e retratos sobre Bento XVI publicados aquando da sua morte, seleccionamos alguns que se detêm no seu contributo para a Igreja e para os debates contemporâneos.

Peter Seewald, biógrafo de Bento XVI e autor de vários livros-entrevista com ele, publicou (31.12.2022) [em kath.net um retrato](#) onde põe em relevo a sua figura histórica.

“Não é por acaso que o historiador britânico Peter Watson conte com Bento XVI entre os ‘génios’ alemães, justamente ao lado de gigantes como Ludwig van Beethoven, Friedrich Hölderlin e Immanuel Kant. Entre os seus contemporâneos não há ninguém que o iguale. Joseph Ratzinger fez história já enquanto perito do Concílio Vaticano II. Sem a sua influência, a sua coragem para ir contra a corrente, as suas diretrizes para a renovação da Igreja católica, o Vaticano II não teria sido o mesmo. Como guardião da fé, trabalhou junto de João Paulo II durante um quarto de século para garantir que a nave da Igreja católica mantivesse o seu rumo na tempestade dos tempos”.

“Bento XVI encarnou uma nova inteligência no conhecimento e enunciado dos mistérios da fé; mas não se dirigiu somente para um determinado grupo de pessoas, pois soube chegar tanto aos intelectuais, como aos fiéis simples, e ao mesmo tempo defendeu a piedade das pessoas comuns *versus* a religião fria dos catedráticos. Conseguia convencer não apenas pelo seu discernimento, como pela autenticidade de uma vida totalmente centrada no seguimento de Jesus Cristo. Não podia viver de outra maneira da que ensinava. Joseph Ratzinger não só foi um

pensador radical, como também um crente radical que nunca se deixou manipular pelos cargos e pelas posições que ocupou. O seu drama foi ter de resistir, salvar o que corria perigo de se perder. E recuperar o que parecia já se ter perdido nas ondas da destruição. Não o preocupava aquilo que queriam as modas dos tempos nem os meios de comunicação, mas o que queria Deus”.

Um retrato semelhante efetuou [na revista “Tichys Einblick”](#) (1.1.2023) Peter Hahne, protestante, que foi apresentador de televisão e membro do Conselho da Igreja Evangélica da Alemanha.

“Que recordarei de Bento XVI? Os três discursos durante a sua inolvidável visita à Alemanha em 2011 foram explosivos do ponto de vista político e eclesial. Despertou desesperadas fricções entre os seus oponentes; nas suas próprias fileiras surgiram interpretações erradas e deliberadas. A ‘elite’, espiritualmente desorientada, dos nossos teólogos e políticos enlouqueceu: o mais claro sinal de que havia acertado no alvo. A sua maior dor foi que o catolicismo alemão tenha seguido o caminho suicida da Igreja evangélica alemã”.

“A sua pregação era teologicamente cativante e bíblicamente inequívoca. E era francamente simples na sua confiança quase infantil em Jesus Cristo. Conjugou simplicidade e profundidade como praticamente nenhum outro Papa ou erudito. Qualquer pietista luterano pode subscrever a sua trilogia sobre Jesus Cristo. Os que a leiam ‘anonimamente’ pensarão estar a escutar um dos antigos Pais da Igreja: centrada em Jesus Cristo, sem querer obter favores das modas vigentes. Combateu – de modo atrativo, fino, muito intelectual e sem polémica – as superficialidades dos denominados teólogos que pregam a partir do púlpito e das cátedras. A disputa, em 2004, de Joseph Ratzinger com Jürgen Habermas, o líder da filosofia do Maio de 1968, é todo um marco intelectual. No final, foi o marxista quem

teve de ceder: ‘Vocês os cristãos têm recursos que mais ninguém pode oferecer’, disse”.

Também o teólogo espanhol Olegario González de Cardedal [salienta no “ABC”](#) (2.1.2023) a importância de uma das intervenções de Bento XVI na Alemanha, concretamente a que teve no Parlamento, assim como de outras perante instituições seculares. “Neste quadro surge em primeiro plano a pergunta a respeito dos fundamentos da sociedade civil, a validade e as ameaças à democracia, a substituição da vontade de verdade pela vontade de poder, com a consequência de um relativismo que é uma ameaça para a pessoa e um risco para a sociedade. Quais são os limites morais do poder do homem? Poderão defender-se os direitos fundamentais sem o cultivo de valores fundamentais? Estará esgotada a democracia por ter esquecido ou negado o seu fundamento? Estas questões foram objeto de análise por Ratzinger nos encontros que manteve em diálogo com intelectuais, como o de Munique com Habermas. Não bastam o poder e o saber, a ciência e a política, para uma defesa da humanidade de cada homem e da vida em sociedade. Estão em jogo a sacralidade, a transcendência e a dignidade do ser humano”.

Brendan O’Neill, diretor da “Spiked”, sublinhava (31.12.2022) em Bento XVI a sua [defesa da razão e da liberdade](#) humanas.

Começa o seu artigo recordando a campanha contra a visita de Bento XVI ao Reino Unido em 2010, promovida pelos “novos ateus” – Richard Dawkins e outros. “Este espetáculo de difamação de Bento XVI” – escreve O’Neill – “continha um profundo paradoxo. A verdade é que este homem que gostavam de odiar, o ‘Papa Ratzinger’, como lhe chamavam depreciativamente, era um defensor da razão muito mais apaixonado do que eles. Era também um estudioso do Iluminismo mais rigoroso. E fez mais do que eles alguma vez farão para conseguir enfrentar a verdadeira ameaça à verdade no século XXI, que não é a religião, mas a ‘ditadura do relativismo’, como Bento XVI a designava. Havia mais humanismo na corajosa e muitas vezes solitária batalha de Bento XVI contra a atual tirania do niilismo, do que na arrogante fúria dos novos ateus contra a religião”.

“Bento XVI dedicou a sua brilhante mente a lutar contra o relativismo moral. Considerava o relativismo, para o qual o próprio ‘conceito de verdade se tornou suspeito’, o grande flagelo da nossa época. Reprovava ‘a maciça presença na nossa sociedade e na nossa cultura de um relativismo que, ‘por não reconhecer nada como definitivo, deixa como última medida somente o próprio eu com os seus caprichos’. Dizia que o desmantelamento da verdade, e mesmo da própria realidade (veja-se a guerra do transexualismo contra a biologia), por ação das elites culturais, embora se apresente como ‘liberdade’, na realidade tem graves consequências destruidoras e autoritárias. O ataque pós-moderno à verdade é cometido sob ‘a aparência de liberdade’, dizia, mas ‘transforma-se para cada um numa prisão, porque separa um do outro, deixando cada um encerrado dentro do seu próprio eu”.

“Talvez a intuição mais importante de Bento XVI seja que esta ditadura do relativismo pressupõe uma negação do Iluminismo. Demasiadas pessoas de direita e católicos tradicionais (...) culpam o Iluminismo de todos os males”. Pelo contrário, “Bento XVI via as coisas mais claramente. Aquilo que presenciamos, dizia, é ‘como que a filosofia do Iluminismo a separar-se drasticamente das suas raízes’. Os racionalistas modernos dizem-nos que ‘o homem, no fundo, não tem liberdade’, e também que ‘não deve pensar que está acima dos outros seres vivos’, salientou Bento XVI. (...) Daí atuarem ‘em contradição direta com o ponto de partida’ do pensamento do Iluminismo”.

Este elogio de Bento XVI não significa que O’Neill concorde com ele na fé. “Não, não partilho a crença de Bento XVI em Deus. Eu sou ateu”. Mas concorda com Bento XVI na razão. “Este humanista ateu, por seu turno, encontrou mais motivos de aplauso na razão apoiada por esse Papa de Roma, do que na mesquinha posição contrária à religião de tantos eruditos laicistas”.

A jornalista e historiadora italiana Lucetta Scaraffia, que foi diretora do suplemento sobre a mulher do “L’Osservatore Romano”, destaca [num artigo publicado em “La Stampa”](#) (31.12.2022) que “a relação de Ratzinger com as mulheres, grande problema da Igreja católica na época contemporânea, caracterizou-se pela coragem e pela verdade”. E acrescenta que “da mesma maneira inovadora interpreta Ratzinger nas suas obras a devoção mariana, que lhe oferece a forma de defender com paixão o papel central da mulher no seio da tradição judaico-cristã: ‘Omitir a mulher na teologia no seu conjunto significa negar a criação e a escolha (a história da salvação) e, portanto, suprimir a revelação”.

Bento XVI, assinala Scaraffia, sublinhava que homem e mulher são iguais em essência e em dignidade e, simultaneamente, recordava “a função da diferença entre os sexos como oportunidade de crescimento e expansão: ‘O homem foi criado com a necessidade do outro para que pudesse ir mais além de si próprio”.

“Tudo isto se captava ao conhecer pessoalmente o Papa Bento XVI e posso testemunhar isso: como mulher, nunca me tratou com o paternalismo próprio do clero e da hierarquia eclesial, tendo-me sim escutado com atenção e respeito. Ainda me emociono ao recordá-lo”.

Também outros testemunhos mostram, como traço marcado da sua personalidade, a atitude de respeito e escuta dos outros.

Salienta-o numa [entrevista ao “ABC”](#) (2.1.2023) o cardeal António Cañizares, ex-prefeito do Culto Divino, que o conheceu no decorrer de uma reunião internacional de comissões episcopais de Doutrina da Fé. “Era de uma cordialidade requintada. Prestava toda a atenção a cada uma das intervenções e tinha em conta todos os contributos”. Mais à frente resume: “Era um homem muito próximo. Mesmo teólogos que tinha chamado à Congregação para dialogar sobre os seus ensinamentos, ficavam admirados com o tratamento recebido. Recordo um teólogo espanhol, não direi o nome, que foi citado por alguns pro-

blemas nos seus escritos e depois de falar com o cardeal Ratzinger, disse-me: ‘Que amabilidade, que doçura e que pensamento tão claro. Diz as verdades sem ofender, nem repreender, pelo contrário, senti-me acolhido como crente na Igreja católica’”.

Também Mons. Fernando Ocáriz, prelado do Opus Dei, publicou na *web* desta instituição (31.12.2022) algumas [recordações de Joseph Ratzinger](#): “Desde que o conheci pessoalmente em 1986, quando comecei a colaborar como consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, chamou-me a atenção a sua disponibilidade para escutar toda a gente. Tive a oportunidade de estar a sós com ele muitas vezes, tanto por assuntos da Congregação, como por outras questões. Nesses encontros nunca era ele quem dava por terminada a conversa, ou fazia notar que o esperavam outros assuntos. Era edificante perceber a grande consideração que lhe mereciam as opiniões dos outros, embora às vezes fossem diferentes das suas. Era possível expor-lhe com toda a tranquilidade pareceres contrários e não se incomodava, ainda que fossem de um interlocutor de menor idade, preparação ou experiência. O que realmente lhe interessava era a verdade”.

“Prisioneros de la historia”

“Prisoners of History”

Autor: Keith Lowe
Galaxia Gutenberg. Barcelona (2021)
336 págs.

Com o crescimento da [cultura woke](#), os monumentos históricos são mais vulneráveis do que nunca ao escrutínio moral, e a sociedade interroga-se se alguns merecem o seu lugar no espaço público. Keith Lowe, autor de “[Savage Continent](#)”, indaga no seu último ensaio sobre as mudanças ocorridas no significado dos objetos comemorativos desde a Segunda Guerra Mundial, tanto na Europa como na Ásia e nos Estados Unidos. “Prisioneros de la historia” é um livro muito pessoal, no qual o historiador mistura a interpretação artística das obras com as repercussões políticas e sociais da sua criação.

Para Lowe, a memória desempenha um papel importante tanto na identidade presente de uma coletividade como na futura. Deste ponto de vista, procura mostrar que os monumentos não olham para o passado: são, mais, expressão de uma história que continua viva e continua a governar a vida dos que constituem uma determinada sociedade, queira-se ou não.

Além de abordar a questão dos monumentos, em “Prisioneros de la historia” está subjacente uma reflexão sobre a heroici-

dade. Os heróis de um país representam aquilo que os seus indivíduos imaginam que são, mas as mudanças na opinião pública ou na cultura social, à medida que uma comunidade absorve pessoas de diferentes classes, religiões ou etnias, dificulta cada vez mais a identificação com os protagonistas da história precedente. Isso explica que, diversamente do que sucede nos Estados Unidos, na Europa se ergam mais monumentos às vítimas.

Nos Estados Unidos, com efeito, os monumentos são triunfantes; os europeus, pelo contrário, melancólicos; os norte-americanos, idealistas; enquanto que os europeus – pelo menos de vez em quando – tendem para a ambiguidade moral. Mas por que razão na nossa época será complicado acreditar nos heróis? O livro foca-se nos meios de comunicação social, nos escândalos e nos numerosos casos de corrupção entre aqueles que exercem a liderança.

Lowe explica que a comemoração pública do heroísmo fomenta a lealdade, a coragem e a força moral, virtudes que hoje escasseiam. Mas os monumentos dos erros, que recordam destruições ou fracassos históricos, permitem recordar o que se deve rejeitar ou os esforços que foram feitos para restabelecer a ordem depois do caos, por exemplo, de uma guerra.

Por tudo isto, para Lowe há que conservar os monumentos. Embora compreenda as emoções que suscitam, pensa serem documentos de inegável valor histórico. “São curiosidades com o poder de inspirar e provocar todo o tipo de debates. Muitas vezes são também grandes obras de arte, revelando trabalho e imaginação assombrosos. Deitar tudo isto abaixo em prol da política contemporânea parece-me lamentável”.

C. G. P.



“El eterno femenino”

Autor: Rafael Gómez Pérez
Rialp. Madrid (2022)
202 págs.

Este livro completa, na minha opinião, uma trilogia original, com outros dois do mesmo autor. “[Retorno a la infancia](#)” é um precioso ensaio sobre a infância, onde as considerações antropológicas e os dados tomados da observação da vida se misturam com reflexões literárias de grandes autores. “[De Homero a Kafka](#)” volta a combinar a antropologia (matéria da qual o autor foi docente durante mais de vinte anos) com o saber literário. “El eterno femenino” mistura, novamente, o literário e o antropológico, para apresentar um fascinante fresco de cinquenta mulheres literárias “que não foram reais, mas a quem tratamos com mais familiaridade e profundidade do que muitas que o são”, como diz acertadamente o autor.

É uma obra escrita com pena leve, que não faz alarde de erudição, mas que procura simplesmente a essência do narrado, da personalidade e dos traços psicológicos que caracterizam estas mulheres, resumidos no epíteto que as acompanha: por exemplo, para Ana Karenina, é “o desespero”; para Andrômaca, “a fidelidade”; para Beatriz, “o amor perdurável”; Dido aparece como “a abandonada”; Helena, “a beleza”, etc.

O autor faz um fascinante percurso pela história da literatura ocidental: desde os gregos até aos tempos de hoje, com significativa presença de clássicos e românticos, sendo a obra um compêndio de cultura (e, juntamente com os textos literários, são de destacar as interpretações de teatro e de ópera destas personagens, maravilhosamente glosadas).

É importante assinalar, por tudo isso, que se pressupõe que um leitor culto se aproximará desta obra: muitas vezes, desvendam-se o desenlace das obras (inclui *spoilers*, como se diz agora), ainda que não faça falta ter lido todas as obras comentadas para desfrutar o livro, que atua, além disso, como excelente prescritor: saímos da leitura com o desejo de nos familiarizarmos com livros que ainda não abrimos e de reler outros que já conhecíamos.

Não são cinquenta as obras literárias citadas, mas muitas mais, porque nalguns capítulos se glosam todas as versões do mito, ou muitas delas, e as reinterpretações posteriores de histórias clássicas, assim como as suas adaptações... É uma imensa riqueza aquela que aqui se pode apreciar, e da leitura dos breves capítulos vai-se destilando um olhar de apreço e admiração para o mistério do génio feminino, e uma impressionada constatação da pluralidade de possibilidades que a relação entre os dois sexos foi gravando na história literária.

A. R. A. y D.

